Índice

Inflação do agribusiness

GUILHERME SORIA BASTOS FILHO
VIVIANE SEDA BITTENCOURT

O Iabag/FGV, criado em 1993, objetiva avaliar o impacto dos produtos alimentares semiprocessados, processados e *in natura*, na inflação (IGP-DI) no atacado e no varejo. Sua série histórica foi estendida para 1990, início do governo Collor.

Ao longo desses 11 anos, os preços dos produtos alimentares medidos pelo índice acumularam uma variação real de 0,21% acima da inflação medida pelo IGP-DI.

A pressão dos alimentos veio justamente do atacado. O grupo alimentação do atacado – que contém os produtos industrializados – apresentou variação real de mais de 100% acima do IGP-DI. O componente matéria-prima bruta no atacado do Iabag teve variação real negativa de 2,06% no período, apesar de o índice de preços recebidos pelo produtor (IPR) ter aumentado 15,75%.

Um resultado que surpreende à primeira vista, quando se espera que os preços reais dos produtos oriundos da agricultura apresentem uma tendência de queda ao longo dos anos. Não obstante, o período analisado coincide com a ampla abertura comercial iniciada em 1990. Esperava-se, portanto, que a concorrência com os produtos importados limitasse a evolução dos preços dos produtos alimentares no mercado interno, como aconteceu com o índice de preços pagos pelos produtores, que apresentou variação real negativa de 14,4% nesse mesmo período.

Iabag: maiores altas e maiores baixas
Variação real

Plano Real			
Cana-de-açúcar	68,52	Café em coco	-79,16
Cacau	22,17	Adoçantes	-46,63
Soja	12,56	Bebidas não-alcoólicas	-46,8
Cevada	2,82	Frutas	-43,79
Aves	0,71	Hortaliças	-42,93
Acumulado 2000			
Cana-de-açúcar	56,44	Café em coco	-50,52
Malva	17,34	Babaçu	-40,46
Adoçantes	15,88	Amendoim	-39,19
Trigo	13,38	Cacau	-19,56
Acumulado fevereiro 2001			
Cacau	33,83	Suínos	-12,88
Arroz em casca	15,94	Aves	-11,91
Fumo em folha	11,66	Soja	-10,73
Babaçu	9,45	Café em coco	-5,7
Cana-de-açúcar	8,17	Aves e ovos	-5,26

Composição do Iabag

O Iabag é um subconjunto do IGP-DI, constituído por itens pertencentes ao índice de preços no atacado (IPA-DI) e ao índice de preços ao consumidor (IPC-BR). O índice é dividido em dois grandes grupos, itens do IPA-DI e itens do IPC-BR. Cada grande grupo é divido em subgrupos. Os itens do IPA-DI são compostos pelos subgrupos matéria-prima bruta e alimentação.

Em matéria-prima bruta se incluem: algodão, amendoim, arroz, aves, babaçu, borracha, bovinos, cacau, café, cana-de-açúcar, cevada, erva-mate, fumo, juta, leite, malva, soja, suínos e trigo. Em alimentação encontram-se: frutas, hortaliças, feijão, mandioca, milho, bebidas alcoólicas e não-alcoólicas, açúcar, massas, pães, laticínios, industrializados de carnes, peixes.

Os itens do IPC-BR são subdivididos em alimentação e bebidas alcoólicas e fumo. Alimentação por sua vez divide-se em gêneros alimentícios e alimentação fora. No grupo alimentação-gêneros alimentícios do Iabag estão incluídos os seguintes itens: adoçantes, arroz e feijão, aves e ovos, bebidas não-alcoólicas, carnes, condimentos, doces, frutas, hortaliças, laticínios, massas e farinhas, óleos e gorduras, outros, panificados, pescado, enlatados e conservas.

Também nesse período, os produtos alimentares do varejo que compõem o Iabag variaram 17,8% a menos que o IGP-DI. Ou seja, no período pós-abertura comercial, os preços dos produtos alimentares ao produtor e no atacado ficaram mais caros, enquanto o consumidor pagou menos. Quem está absorvendo essa diferença?

A partir do Real

Desde agosto de 1994, o Iabag acumula apenas 0,21% acima da variação do IGP. Os itens de alimentação no atacado continuam pressionando a inflação do agribusiness; em termos reais eles variaram 33,4% nesse período. Os itens do IPC tiveram variação real negativa de 27,7%. Os sucessivos aumentos do volume de grãos colhidos têm mantido as variações do grupo matéria-prima bruta abaixo da inflação acumulada pelo IGP-DI no período pós-Plano Real. Entretanto, algumas fortes altas têm sido registradas em cana-de-açúcar, cacau e soja (tabela).

Portanto, a bolha no IPA continua, mas até quando? De fato, o setor do agribusiness, que foi considerado por quase quatro anos como a âncora verde do Plano Real, perdeu esse *status* desde a desvalorização cambial, em janeiro de 1999. A redução de margens entre atacadistas e varejistas vem se alongando há algum tempo. As margens do setor primário também se reduziram, uma vez que o IPR acumula uma variação real negativa de 16,23% desde agosto de 1994, enquanto o IPP passa dos 6,18%.

Entretanto, a questão do repasse dos reajustes do atacado para o varejo não é linear para as principais cadeias do agribusiness. Os gráficos demonstram que, para as principais cadeias, os reajustes dos itens correspondentes ao atacado para o consumidor não aumentam de forma proporcional ao atacado e nem sempre acompanham as tendências dos movimentos de preços no atacado e ao produtor. Os reajustes no atacado são absorvidos ou diluídos à medida que o processo de industrialização avança.

A exceção ocorre com bovinos, suínos (até meados de 1996) e laticínios. Nessas cadeias, os reajustes ao produtor e no atacado são repassados imediatamente ao consumidor, por haver um baixo nível de industrialização ou processamento, como no caso das carnes, ou por participar em grandes volumes na produção do industrializado, como é o caso do leite no item laticínios.



